

Proletários de todos os países, uni-vos!

A LUTA DE CLASSE

DA LIGA COMUNISTA INTERNACIONALISTA (S.L.) Seção Brasileira da L.C.I.-B.L.

ANO VI

JUZ DE FÓRA 1 DE Julho DE 1936

NUMERO 31

REIVINDICAÇÕES POLÍTICAS

A luta de classes entre patrões e operários não cessou nem poderia cessar por causa do estado de guerra. Mas há no seio da massa tendência a paralisar essa luta enquanto durar a atual reação. Isso é sobretudo efeito ainda da derrota do golpe de Novembro. Stalinistas e aliancistas se retiraram à luta política deixando atrás, completamente abandonada, a massa com suas necessidades imediatas e econômicas. A luta econômica da massa foi artificialmente separada da política que passou a ser um campo particular ou especial à vanguarda. O resultado é que a vanguarda desprezada da massa; tocou para a frente, sem olhar para trás, e acabou no pleuro aventurismo dos golpes e quarteladas. Por sua vez, a massa retrai-se desiludida prematuramente da «política», e só não acompanhou a vanguarda no aventurismo, como, em face do desastre político da Aliança Nacional Libertadora e temendo, em consequência, os furores da repressão, suspendeu até mesmo a luta por suas reivindicações mais sentidas e de todos os dias.

A passividade geral do proletariado notada desde o fracasso novembrista tem sido nutrida por dois motivos principais: a espera vaga, inconsistente mas tenaz de novos golpes e motins, e a esperança de que, com o tempo, a reação passe por si mesmo, e o governo venha revogar espontaneamente o «estado de guerra» ou de «sítio». Logo em seguida ao «putsch» aliancista até pouco mais ou menos a prisão de Prestes, dominava em geral o primeiro motivo; de então para cá, parece que o segundo tende a tomar a dominar. Com o tempo, as perspectivas de novos levantes e quarteladas foram se apagando. Nesse sentido, o

ECONÔMICAS E IMEDIATAS

agravamento da reação e as prisões de Prestes e Pedro Ernesto muito concorreram também para acalmar os nervos dos pequenos burguezes boateiros, cuja única atividade consiste em ver por toda parte somras conspirativas, alimentando, desta forma, nessa «atividade» suspeita, suas duvidosas energias revolucionárias.

De um modo geral, pode-se dizer que o primeiro motivo predomina ou predominou nas camadas mais adiantadas do proletariado — constituídas pelos operários mais qualificados, como gráficos, ferroviários, marítimos, etc., os quais, embora sob essa forma errônea, compreendem entretanto, a necessidade da luta política contra a reação como uma reivindicação imediata. Mal orientadas pela própria vanguarda, elas viviam na expectativa ilusória de novos levantes militares para, só então, se mexerem e entrarem o combate político. Quanto ao segundo motivo, este predomina nas camadas mais profundas e atrasadas — operários menos qualificados e sobretudo das indústrias leves e de transformação, constituindo a parte mais explorada da massa — os quais se limitam em geral a esperar melhores dias para prosseguir na sua peleja pelas reivindicações econômicas.

Diante dessas condições, as tarefas da vanguarda estão assim perfeitamente traçadas. O programa principal consiste em fundir as reivindicações dos dois grupos num só objetivo mais amplo. Ao primeiro grupo a vanguarda deve mostrar que a luta política contra a reação só poderá ser feita pela própria massa, cabendo precisamente às camadas mais adiantadas tomar a iniciativa dela. Estas últimas não devem ficar passivamente esperando pelos quartéis que, depois da derrota de novembro e das medidas de prevenção e depuração tomadas pelo governo, perde-

ram toda oportunidade de manifestar-se politicamente, (a questão do caráter de manifestação não vem a propósito analisar neste artigo), só podendo voltar agora a fazê-lo, posteriormente, numa etapa mais alta do processo, depois que o proletariado retomar a direção de todo o movimento.

É preciso aprender a sincronizar a luta política contra a reação com as necessidades da luta econômica das camadas mais profundas do proletariado. Estas últimas têm de ficar convencidas de que a reação não desaparecerá por si mesma, que o governo burguez não suspenderá o estado de guerra ou de sítio se a massa operária em peso não lutar por isso. É necessário que elas convençam de que se o estado de guerra existe não é apenas para perseguir «extremistas»; mas tem por fim sobretudo quebrar qualquer vontade de luta por parte do operariado. Os patrões acham ótimo o estado de guerra, é só desejam uma coisa: é que a repressão atual permaneça a vida inteira. Pois deste modo podem explorar à vontade os seus operários sem medo de qualquer resistência por parte destes. «Com o estado de guerra ou de sítio a cana ha operária não pode fazer greves» — é assim que o capitalismo aprecia a atual situação. A delegacia de ordem política e social está ali pronta, às ordens do patrão, preparada a intervir ao seu primeiro aceno. O patrão tem agora toda liberdade de botar pra fora de sua empresa quem bem entender sem dar a menor satisfação, sem indenização, nem formalidades; os dispositivos de lei que restringem o abuso absoluto do «direito» patronal de despedir seus empregados se incluem justamente entre os que foram revogados pelo governo ao decretar o estado de guerra.

Por tudo isso, os patrões — que são os que mandam em Getúlio e Cia. — não querem nem ouvir falar em acabar com a atual ditadura policial. É, pois, impossível pensar em parar a luta diária econômica ou corporativa, alegando para

(Cont. na 4.a pag.)

A machina é comunista

DE 1930 A 1934, A PARALISIA DA INDUSTRIA AMERICANA CUSTOU, AOS OPERARIOS, PARA CONSERVAR NO PODER OS PARASITAS, TREZENTOS BILHÕES DE DOLLARES — O PREÇO CARÍSSIMO DO CAPITALISMO!

A prova já está mais do que feita de quanto o presidente Roosevelt e seus seguidores do «New Deal» são insinceros na sua "luta" por "uma vida mais abundante" para o povo. Agora mesmo isso foi demonstrado com o facto d'elle ter esregido ao desprezo a propria commissão por elle nomeada para fazer "o computo da capacidade potencial da produção dos Estados Unidos". E porque Roosevelt, de oratório, tão falador, não ficou uma palavra sequer sobre os resultados de sua commissão? Porque as suas relações são de um verdadeiro caracter revolucionario!

A CAPACIDADE DE PRODUÇÃO AMERICANA

Essa commissão de 60 peritos indicados pelo governo dos Estados Unidos trabalhou perto de um anno em medir a capacidade productiva do país. Os peritos fizeram um bom trabalho, um trabalho sincero e honesto. Bom e sincero demais — para que Roosevelt e seus agentes do «New Deal» se atrevessem a communicar aos trabalhadores: muitas verdades desagradáveis foram allí reveladas sobre quanto as massas neste país são empobrecidas. Um resumo official desses trabalhos foi publicado sob o título «A Carta da Bonança», e se encontra á venda nas livrarias. As suas paginas contém as mais amplas e authenticas informações sobre quanto poderia ser facil e abundante a vida da massa do povo norte-americano.

A commissão estudou cuidadosamente não só "quanto é actualmen e produzido", como quanto, com o equipamento presente — recursos naturais e aparelhamento industrial — "poderia ser" produzido e ainda quanto, se fosse levado em conta apenas o interesse interior do povo, "poderia ser" produzido. E o resultado a que chegou, em resumo, foi este: se os recursos do país e sua força de trabalho fossem realmente postos a trabalhar pelo bem-estar de seus cidadãos cada familia nos Estados Unidos podia ter uma renda annual, em bens, objectos e serviços, de 4.400 dollares (1) (dollar em 1929, isto é, antes da desvalorização consequente á crise). E essa renda seria obtida com um tempo de trabalho emanal muito restricto! Des'a forma, com uma planificação da produção eficiente esta renda melhoraria de anno

para anno, registando um augmento gigantesco dentro de uma década.

Um computo feito pelo «Instituto de Brooklin» tambem sobre a capacidade productiva americana temo refutar os calculos da Commissão Governamental. O resultado obtido por esse instituto foi saudado pelos advogados do actual regime social como a "prova" de que a "economia de abundancia" é uma ficção. Mas, como mostrou o sr. Harold Loeb, presidente da "Commissão Governamental", o calculo do «Instituto de Brooklin» foi feito respeitando as condições determinadas pelo systema economico existente na America. Quer dizer, o seu computo não foi um estrito computo dos factores propriamente materiaes, physicos e technicos da produção, mas, pelo contrario, ficou estrangulado dentro de dois limites condictorios — o commercial e o physico. Essa condição restrictiva tirava assim qualquer significação ao calculo do Instituto no que concerne á "actual capacidade material das forças productivas norte-americanas".

Em resumo, as conclusões de factos importantes pelos dois computos são as seguintes: o calculo do «Instituto de Brooklin» torna evidente que, a despeito dos enormes recursos economicos nacionaes, é impossivel dar uma vida farta ao povo yankee conservando o systema capitalista. O movel do lucro não o permite. Cu no ao calculo da "Commissão Governamental" constata, em essencia, que somente sob o systema socialista, é que todos os recursos nacionaes poderão ser totalmente applicados em dar ao povo a fartura a que tem direito. Por exemplo, nos quatro annos de crise, 1930-1934, perto de 300 bilhões em valor, de mercadorias e serviços poderiam ter sido produzidos, e não o foram, só porque não iriam offerecer lucros a meia-duzia de industrias e capitais. Aes e proposito, o proprio sr. Loeb fez as seguintes declarações:

«A diferença entre a actual produção e a produção possivel representa o cus o pago pelo povo dos Estados Unidos para manter as actuaes instituições financeiras... Os recursos existentes nos Estados Unidos, em fabricas, usinas e pesonal, são, não só capazes de fornecer um alto nivel de vida a toda a população do país, como de substituir ao mesmo tempo todo o equipamento technico-industrial obsoleto ou envelhecido, dando

além disso expansão á actividade fabril num gráo ainda mais alto do que o já tão satisfactorio atingido nos annos de 1923 a 1929». Isto é, no periodo de maior prosperidade economica já alcançada na historia do capitalismo). «Especaculo muito curioso esse... conclue o sr. Loeb, o povo americano a manter na frente do Estado agentes seus autorizados para que se utilizem do poder governamental afim de conservar o "abençoado estado de pobreza".»

Ao grito favorito dos inimigos da sociedade socialista, segundo o qual isto significaria a morte da "liberdade", o sr. Loeb responde: «A liberdade deve ser gozada pela maioria do povo. Hoje, porém, mais de 90 por cento do nosso povo tem a sua liberdade capeada pelas necessidades materiaes. Com a libertação da produção das restricções capitalistas, a abundancia que dahi resultaria traria uma enorme expansão á liberdade daquelles 90 por cento.»

CIVILIZAÇÃO DA MACHINA

Mas o facto mais curioso constatado por esta commissão — commissão governamental, não se esqueçam — é este: A produção em massa de nossas fabricas, a nossa civilização mecnica, só poderá ser utilizada em to'a a sua eficiencia, se for posta a trabalhar, produzindo para as massas — alimento, roupas, casas, objectos caseiros, livros, utensilios, instrumentos, carros, appa e hos electricos, etc. — tudo cousas de que as massas tanto carecem e desejam, mas de que agora são tão desprovidas! Quantas vezes os nossos "estadistas" e jornalistas não têm proclamado que «o nosso y americano construiu a maior civilização do planeta»? Mas que é na verdade essa tão grande civilização? Uma civilização da machina, negativamente. Mas vem agora a pergunta: governantes mostrar que esta civilização mecnica só pode ser efficientemente empregada se produzir para as massas, dividindo a riqueza com o povo. Mas, então, que é no fundo esta machina que as imita? Uma legítima comunista! De facto, a machina é comunista.

A constatação deste facto poderá ser um logro para os ricos exploradores e seus azeitos. Mas até aqui esse "logro" tem sido contra os trabalhadores somente. Quanto aos poucos ricos que controlam esta "maravilhosa civilização" preendem e se convencer os operarios que esta possibilidade de fartura é uma louca illusão. Do mesmo modo que os poderes que hoje nos governam se esforçam por supprimir os marxistas; isto é, os communistas, os ricos, por sua vez, preferem supprimir a machina comunista a deixar que ela distribua a sua riqueza, em potencia, com as massas.

Como os capitalistas e seus governos não podem gozar para si-mesmos da toda

a riqueza capaz de ser fornecida pela machina, então... recorrem a bombas, bombas incendiarias, gases asphyxiantes, balas, policas de toda sorte, rezas e discursos afim de que os trabalhadores não possam fazer a machina trabalhar para elles-proprios, e realizar ainda mais todas aquellas possibilidades intactas de riqueza que ella encerra e que não fornece porque é hoje propriedade dos exploradores. Estes embora já não possam utilizar-se della em cheio mesmo assim querem guardal-a só para si, conservando os seus privilegios e poder.

PORQUE ENTERRARAM O RELATORIO DA COMMISSÃO?

Roosevelt e seus lacaios enterraram o relatório de sua propria commissão. Mas isso não é de admirar, pois elles são justamente "os agentes autorizados do povo que empregam o poder governamental para manter o ateacordo «estado de pobreza»". Elles sustentam e ajudam os exploradores que controlam a capacidade de produção do paiz, quando decidem que os «trezentos bilhões» (dólares) em productos e serviços publicos de que o povo precisa, não serão produzidos porque não darão lucro aquelles exploradores! São dessa laia os «advogados» burguezes de «uma vida mais farta» para o povo, e que querem que milhões de homens vivam ás portas da completa miseria — pois a isto equivale o infame salario-subsistencia defendido por Roosevelt — afim de que essas pessoas ricas e privilegiadas e «seus agentes do governo» — possam continuar a satisfazer, na opulencia, os seus ventres inchados e sua sede e cobiça de poder, de privilegios e de gozo. Suas palavras dizem — «nós vos demos uma vida mais farta». Mas suas acções afirmam: «queremos que milhões de seres humanos sejam privados daquillo que lhes pertence de direito — a riqueza deste paiz — contanto que possamos continuar a nos esbojar na fartura da nação».

Trabalhadores! Os vossos antepassados deram o seu suor e o seu sangue para construir a riqueza deste paiz! Quanto a vós, vindes fazendo o mesmo. «Esta riqueza, esta fartura, esta abundancia é vossa! É a vossa sagrada herança e a de vossos filhos!» E agora e cada dia de vossa vida, vós e vossos filhos estão sendo roubados, = sim, vergonhosamente roubados! Repillam a mentira dos embromadores que vos vêm dizer que «o socialismo é justamente a distribuição da pobreza». Respondei com os factos expressos nos calculos do proprio governo capitalista (naturalmente podeis também aproveitar a oportunidade para dizer a vossos exploradores que Karl Max já disse praticamente a mesma

O PROLETARIADO DA BAHIA RIAGE PELA GREVE

Apesar do regime de terror que pesa atualmente sobre nós, o proletariado não consente que o sufocamento de todo, manifestando, de quando em vez, o seu ardor combativo contra as classes dominantes e exploradoras.

Noticias mesmo coadas da censura vindas da Bahia annunciam que reina entre as suas massas trabalhadoras uma grande vontade de luta, resultado do profundo descontentamento em face da exploração patronal e a asfixia de todas as liberdades e direitos proletarios. O proletariado baiano deu mesmo a esse descontentamento a sua expressão mais acucada: a greve. Varios setores do trabalho urbano, inclusive, ao que parece, portuarios e transportes, entraram em parede, num legitimo protesto contra as miseraveis condições de vida dominantes. Faltam-nos ainda noticias de ahadas sobre esse movimento. Esperamos obter

novas e mais completas dentro em breve. Em todo o caso, essas poucas que se têm filtrado atravez os isoladores da censura e reação burguezes, já são suficientes para indicar que a passividade começa a desaparecer no seio da massa.

O movimento de agora iniciado pelos trabalhadores da Bahia são apenas os sinais precursores da grande reação de massa que inevitavelmente, embora lentamente, se vai preparando e começa a despertar na consciencia do proletariado de todo o paiz — contra a reação infame que nos quer esmagar, contra os estados de guerra, pela melhoria das condições de vida dos operarios, pelas liberdades democraticas e libertação dos milhares de presos politicos!

Com estados de guerra ou sem eles, o proletariado reagirá e jogará fora do selim os atuais mandões, a serviço do capital financeiro internacional!

Repressão contra os bolcheviques-leninistas

Alguns jornaes burguezes noticiaram, com escandalo e as indispensaveis mentiras, a descoberta de um "antro secreto" de comunistas internacionalistas em São Paulo, que no cumprimento do dever revolucionario, lutavam bravamente contra a reação e faziam propaganda das idéas de Marx e Lenine, as quaes, hoje, aqui como em todo o mundo, só são defendidas pelos partidarios da QUARTA INTERNACIONAL.

As duras condições de ilegalidade tornaram apenas mais difficil o proseguimento do nosso trabalho revolucionario, mas ele continua e continuará, sejam quaes forem as condições, quaesquer que sejam as circunstancias. A repressão não nos

abale a coragem, e é implénte contra as nossas idéas. Alguns camaradas nossos caíram, no Rio e em São Paulo, nas garras da policia: as massas trabalhadoras de todo o Brasil saberão arranca-los das masmorras burguezas, juntamente com os milhares de companheiros e militantes que ali estão jogados.

No lugar dos que caem sob os golpes da reação, novos militantes surgem com o mesmo devotamento e a mesma fé inabalavel no triunfo da nossa causa, da causa da revolução proletaria mundial!

Nós, bolcheviques-leninistas, que continuamos na lida, saudamos daqui os nossos camaradas presos!

cousa, faz muito tempo) e estregai o relatório da «Commissão Governamental» no nariz dos que procuraram affirmar que essa fartura nacional é um mytho. «Os proprios dados e calculos do governo delles os refutam!»

4.400 dólares por anno podem significar "pobresa" para um Roosevelt, ou um Astor ou um Andy Mellon, mas para vós e vossos filhos, elles significam verdadeiramente, a vida, a liberdade e um principio de felicidade.

HILDEGARDE M. SMITH

(Publicado no «The New Militant», n. 44. Out. de 1935, Nova York).

O governo reaccionario de Getulio se mantém á custa de toda a sorte de falsificações, mentiras e torpezas. Não hesita em lançar mão da mais baixa fraude como fez, dando á publicação o telegramme dos parlamentares hespanhoes, conscientemente urpado.

Reproduzimos a seguir, em seus verdadeiros termos, a mensagem, que é uma prova da repercussão no mundo, dos crimes da reação desencadeada sob e nós:

«Nós, deputados da Frente Popular hespanhola, abaixo assignados, pedimos com grande energia que o processo de Prestes, chefe da Aliança Libertadora, seja publico e que elle possa escolher seus advogados de defesa, de accordo com as elementares normas do Direito das Gentes. Solicitamos sua liberdade e a de todos os presos politicos.»

REINVIDICAÇÕES ECONOMICAS E POLITICAS IMEDIATAS

tanto a reacção actual. Ao contrario, e primeira das necessidades de todos os trabalhadores é agora a luta immediata para que se acabe com os estados da excepção.

Muitos são os operarios que actualmente só não recorrem á greve, p'ellendo essa ou aquella medida particular, dentro de seu local de trabalho, por causa da repressão. E' preciso mostrar que essa é uma attitude errada, pois, ao contrario se está n'um círculo vicioso: não se luta pelas reivindicações parciais ou economicas, diarias, em virtude do estado de guerra; mas também não se luta contra o estado de guerra, porque o que se quer immediatamente é lutar pelas reivindicações economicas. O resultado é que nada se faz, e o governo continua prendendo, deportando, torturando e mandando á vontade enquanto, por seu lado, os patrões tiram descaudadamente o couro e espremem até a ultima gota de sangue dos seus escravos assalariados.

Para meter na cadeia e perseguir os elementos mais combalivos e esclarecidos da classe operaria, isto é, a sua vanguarda, o governo não precisou do estado de guerra; mas como a luta de classes não para por isso — as necessidades materiais continuando a exigir novas lutas — do proprio seio da massa podem surgir, e surtem mesmo, novos companheiros e lutadores que vêm ocupar o lugar dos que estão presos ou foragidos. No intuito de impedir a acção desses novos guias das massas, o governo então decreta o estado de guerra. O estado de excepção não visa a vanguarda, que, em grande parte, já se encontra nas masmorras getulianas ou foragida; visa, sim, a massa, afim de evitar os movimentos espontaneos dessa, na defesa de seus interesses materiais mais directos. O governo o que quer é emedrontar a massa, para que esta não estrebuche contra a carestia da vida, a rebaixa de salarios, o empeioramento cada vez maior das condições de trabalho, a exploração patronal, enfim.

A situação exige uma luta sem tréguas e diaria, tanto por melhores condições de vida, como pela revogação do estado de guerra e as liberdades democraticas. As reivindicações immediatas tanto politicas como economicas se confundem agora na mesma extrema urgencia. Lutar hoje por qualquer deles é lutar pelas outras. Aqueles que, desde agora, lutam pela reconquisita dos direitos democraticos, lutam, ao mesmo tempo, praticamente, contra a rebaixa de salarios ou pela diminuição das horas de trabalho em qualquer officina ou fabrica. No mesmo modo, os operarios que, em determinada fabrica, lançam-se nesse instante numa greve parcial, isolada, mesmo que seja exclusivamente para obter, por exemplo, o simples pagamento semestral dos salarios, estão na realidade lutando também — mesmo que não o queiram ou não o saibam — contra o estado de guerra e pela restauração das liberdades de reunião, palavra e associação. Estão assim travando também uma luta politica.

A todo elemento de massa que diz que diz que espera que cesse o estado de guerra para ir á greve em defesa de seus salarios, por exemplo, o militante de vanguarda deve responder: «Vamos

então lutar desde já contra o estado de guerra: só assim podemos tratar quanto antes de obter o aumento de que precisamos. Quem empeta a luta por esse aumento é o estado de guerra ou de sitio, e, por isso, não devemos esperar que este passe; pelo contrario, devemos lutar desde já com estados de guerra ou não. Se lutamos agora contra o estado de guerra, mais depressa obterás o aumento. Nesse momento o governo tem um medo que se péla de conflitos operarios, seja lá por que for. Depois, na luta contra o estado de guerra temos probabilidades de reunir o maior numero possivel de trabalhadores, e, neste caso, as probabilidades de victoria serão muito maiores, tanto para a reconquista da liberdade como para a melhoria dos salarios. E mesmo que este aumento não venha, ao mesmo tempo, com a cessação do estado de guerra, teremos então não só liberdade como maiores possibilidades de desencadear novo movimento de greves não só em prol do aumento como das outras reivindicações economicas immediatas».

O estado de guerra não é, portanto, nenhum impedimento á luta por essas reivindicações, pois, da mesma forma que não ha a menor liberdade para que os militantes proletarios exponham as suas idéas também não ha para que os operarios manifestem o seu descontentamento contra as miseraveis condições em que vive com sua familia. Exigir liberdade ou exigir pão — é, hoje, sob o estado de guerra e perante o governo burguez, o mesmo ato subversivo passivel de punição, deportação ou cadeia.

Com toda a sua p'ença, o governo actual precisa, para manter-se, de conservar nas suas masmorras e libas infectas milhares de cidadãos de todas as classes, milhares de companheiros e militantes proletarios, alem de exercer uma repressão feroz, a mais infame que já houve no Brasil. Mas o governo tem consciencia que isso aumenta o descontentamento geral, inclusive nas rodas politicas burguezas, que refletem a inquietação e o mal-estar reinantes nas proprias classes dominantes e na pequena-burguezia. O governo sente os efeitos desse mal-estar e vive, por isso mesmo, apavorado. Nessas condições, toda a forma de protesto ou de luta, com caracter de massa ou de classe, — uma simples greve parcial ocasionada por um atrito vulgar, um companheiro despedido, uma questão de hora de entrada ou de saída para o serviço, numa grande empresa, por exemplo — pode assumir, de repente, enor importância politica, e, em consequencia, causa mais medo ao governo e á burguezia do que vastas discussões no parlamento. E' fatos desta ordem se verificam a cada instante.

Aos militantes da vanguarda compete entrelaçar todos os mil e um descontentamentos da massa, procurando dar-lhes um alvo central comum a todos. Ao mesmo tempo, a vanguarda deve procurar reunir todos os pequenos conflitos parciais gerados, por toda parte, inevitavelmente, desses mesmos descontentamentos, e transformá-los em conjunto rumo só movimento contínuo, progressivo, como pequenos afluentes correndo todos para o leito de um mesmo curso d'agua,

transformando assim, ao final, num imenso estuário.

De tudo o que acima foi exposto resulta que todas as reivindicações da massa trabalhadora vão concentrar-se hoje, na luta contra a reacção e pelas liberdades democraticas. Esta luta já está travada agora mesmo, onde quer que hajam grupos de operarios e trabalhadores pleiteando esta ou aquela melhoria, dando esta ou aquela forma de expressão ao seu descontentamento, independentemente dos motivos particulares, immediatos, que o provoque, seja que ser aprofundada e alargada em todos os locais de trabalho, em todas as officinas, em todas as fabricas, empresas, usinas, navios, etc., até que tome as amplas proporções de uma greve geral de protesto por 24 horas de todos os trabalhadores — contra os estados de guerra ou de sitio, e pela libertação de todos os presos politicos, a liberdade de palavra, reunião e associação proletarias!

Organizemos a luta com methodo, energia e obstinação. Unamo-nos todos, e, pelo protesto coletivo e generalizado de todos os proletarios, derrubaremos o estado de guerra, recobramos as liberdades democraticas, sotaremos milhares de homens das grades getulianas, e aumentaremos os nossos miseraveis salarios.

AFFONSO

A paciencia dos portuarios tem um limite!

Companheiros! Ha mais de um ano vem sendo protelada a vinda do reajustamento. Ha mais de um ano vem o «lourinho sinistro» nos tapeando miseravelmente, com a ajuda das direcções traidoras ou incapazes e covardes dos nossos sindicatos e do «Portuario», organo official da administração. Quando o murmúrio dos protestos aumenta, eles fingem se mexer, aparentando interesse. E marcam um prazo. Esperamos mais um bocadinho. Termina o prazo e nada. Nova desilusão, novas recamações. Nova comedia, nova marção de prazo. Miranda, como bom lacaio, o que quer é ser considerado pelos seus patrões, um excelente administrador. O que lhe interessa é prorrogar o mais possivel a vinda do reajustamento. A cada mez de prorrogação ele consegue arrancar de nossa miseria mais um monte de ouro para depositar no Banco do Brasil (já montá a mais de 4 mil contos). E os anos dizem: «Que grande homem arranjamos para dirigir o Caix. Melhorou o material e ainda está acumulando dinheiro no Banco. E' querido pelo pessoal, que está todo satisfeito. Agora, lançam-nos o osso magro da Cooperativa, com o fito de nos desviar da luta pelo reajustamento. Aceitamos a Cooperativa, sim, mas após o aumento dos salarios.

Companheiros! Isto não pode continuar. Não somos palthacs. Somos trabalhadores. Fazemos trabalhar o caix. Contribuimos para o aumento das rendas. E elas só servem para serem acumuladas no Banco do Brasil e para melhorar o material. Será que nós, material humano, merecemos menos que o outro que nós fazemos funcionar? Nós e as nossas familias não podem passar mais necessidades. Já que os sindicatos não se mexem, fundemos em cada armazem, officina ou escritorio, comités formados por eleição para nos darmos pela vinda immediata do aumento dos nossos salarios. Abaixo a tapeação. Viva a união de todos os portuarios. Pela preparação pa greve geral de protesto.

Rio, 16-6-36.

UM PORTUARIO